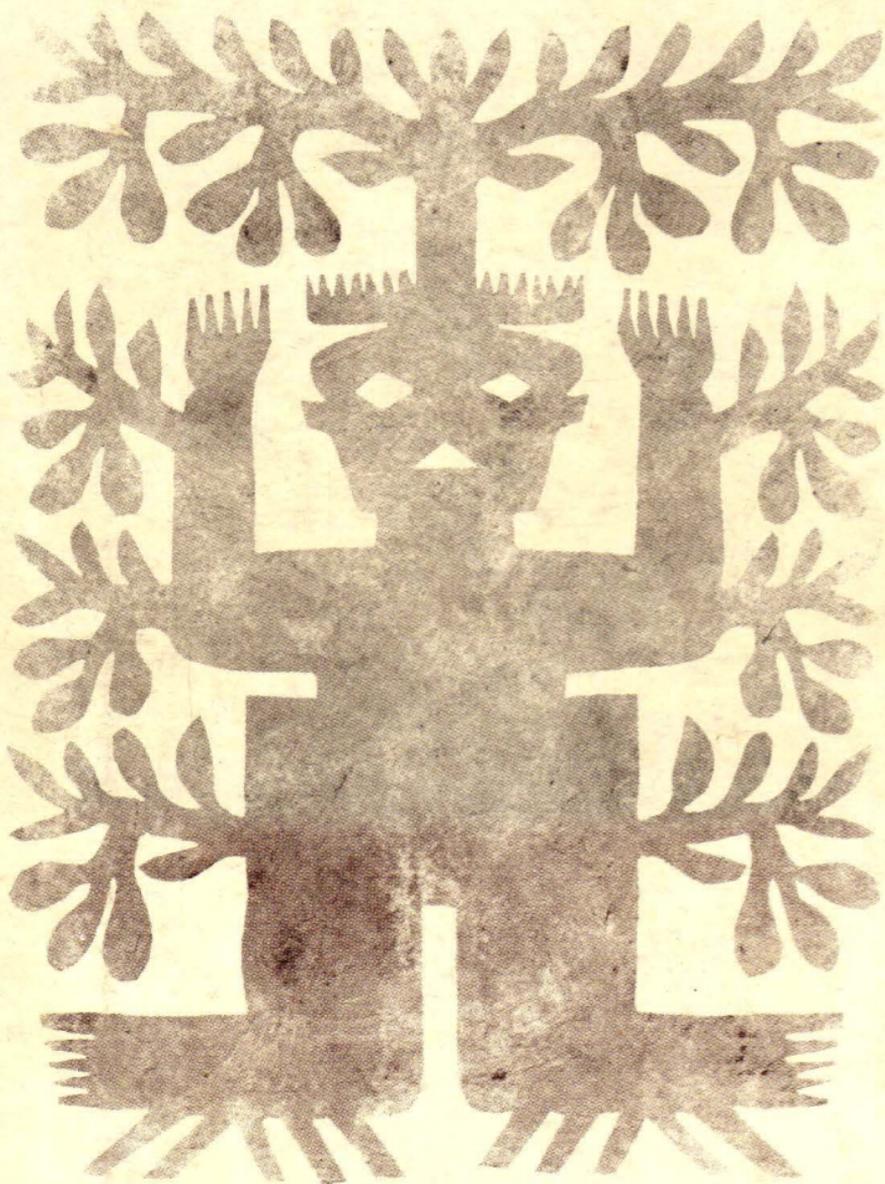


cesar vallejo

142

# antologia





cesar vallejo

# antologia

*Seleção, tradução e prólogo de José Bento*

Esta primavera de Paris está a crescer sobre mais um homem, um inolvidável entre os mortos, o nosso tão admirado e querido César Vallejo. Por estes tempos de Paris, ele viveria de janela aberta e a sua pensativa cabeça de pedra peruana recolhia o rumor da França, do mundo, da Espanha... Velho combatente da esperança, velho amigo. É possível? E que faremos neste mundo para ser dignos da tua silenciosa obra duradoura, do teu interno crescimento essencial. Já nos teus últimos tempos, irmão, o teu corpo, a tua alma te pediam terra americana, mas a fogueira da Espanha retinha-te em França, onde ninguém foi mais estrangeiro. Porque eras o espectro americano — indoamericano, como vós preferis dizer — um espectro da nossa martirizada América, um espectro maduro na liberdade e na sua paixão. Tinhas alguma coisa de mina, de socava lunar, algo terralmente profundo.

«Rendeu tributo às suas muitas fomes» — escreveu-me Juan Larrea. Muitas fomes, parece mentira... As muitas fomes, as muitas solidões, as muitas léguas de viagem, pensando nos homens, na justiça sobre esta terra, na cobardia de metade da humanidade. O que se passa em Espanha roía a tua alma. Essa alma tão roída pelo teu próprio espírito, tão despojada, tão ferida pela tua própria necessidade ascética. O que se passa em Espanha foi o trado de cada dia para a tua imensa virtude. Eras grande, Vallejo. Eras interior e grande, como um grande palácio de pedra subterrânea com muito silêncio mineral, com muita essência de tempo e de espécie. E lá no fundo o fogo implacável do espírito, brasa e cinza... Salve, grande poeta, salve, irmão.

*Pablo Neruda*

*«Aurora de Chile», n.º 1, 1/Agosto/1939*

JUAN MEJIA BACA  
Biblioteca

cesar vallejo

# antologia

JUAN MEJIA BACA  
Biblioteca

*Colecção OS OLHOS E A MEMÓRIA*

1. **POEMAS A GUEVARA**  
*Seleccção e tradução de Egito Gonçalves*  
Esgotado
2. **CICLO DO CAVALO**  
*António Ramos Rosa*
3. **LUZ VEGETAL**  
*Egito Gonçalves*
4. **MONANGOLA**  
*A Jovem Poesia Angolana*  
*Seleccção de Vergílio Alberto Vieira*
5. **HOMENAGEM A LITERATURA**  
*Fiama Hasse Pais Brandão*
6. **ARMAS BRANCAS**  
*Armando da Silva Carvalho*
7. **POEMAS DA RESISTÊNCIA CHILENA**  
*Seleccção e tradução de Egito Gonçalves*
8. **FLOR DE JACARÉ**  
*Jorge Monteiro dos Santos*
9. **NOVOS POETAS RUSSOS**  
*Seleccção de Tatiana Kúzovleva e Manuel de Seabra*  
*Tradução de Manuel de Seabra*
10. **A JOVEM POESIA PORTUGUESA / 1**  
*Eduarda Chiote / João Camilo / Wanda Ramos*
11. **POEMAS**  
*Nicola Vaptsarov*  
*Seleccção e tradução de Egito Gonçalves*
12. **A IDADE DO FOGO**  
*Vergílio Alberto Vieira*
13. **RE-CAMÕES**  
*E. M. de Melo e Castro*
14. **OS PASSAROS MUDAM NO OUTONO**  
*Egito Gonçalves*
15. **POEMAS**  
*Políbio Gomes dos Santos*
16. **ANTOLOGIA**  
*César Vallejo*  
*Seleccção, tradução e prólogo de José Bento*

27

cesar vallejo

# antologia

Seleccção, tradução e prólogo de José Bento

limiar

*César Vallejo nasceu em Santiago de Chuco, cidade andina do Peru, em 1892. Nas suas veias corria sangue índio. Seu pai era um modesto funcionário público. Fez estudos secundários em Huamachuco e universitários em Trujillo, obtendo em 1915 o bacharelato em Letras com a tese El romanticismo en la Poesía Castellana.*

*Perante as dificuldades económicas de sua família, desde 1910, sendo ainda estudante, trabalhou numa empresa mineira e numa fazenda de açúcar, o que lhe revelou as duras e injustas condições de trabalho nas minas e nos campos do seu país. A partir de 1915 e até deixar o Peru, foi professor de instrução primária.*

*Começou a escrever poemas em 1910. Em Trujillo, a partir de 1915 conviveu com outros jovens com aspirações literárias e artísticas, que lhe revelaram as vozes que para eles então apontavam os novos caminhos da poesia: Unamuno, Rubén Darío, Juan Ramón Jiménez, Whitman, os simbolistas franceses. Escreveu então poemas que incluiu no seu primeiro livro, alguns dos quais, a partir de 1916, publicou na imprensa local.*

*A sua inquietação leva-o a deixar Trujillo em Dezembro de 1917, para se fixar em Lima, onde se relacionou com José María Eguren, notável poeta*

pos-simbolista, e com Abraham Valdelomar, que dirigia a revista *Colónida* e queria impulsionar um movimento literário e artístico de raízes nacionais. Um e outro marcaram os poemas do seu primeiro livro. A morte de sua mãe ocorrida então deixou-o num interminável estado de orfandade.

Em 1919 publica *Los heraldos negros*. Há neste seu primeiro livro de poemas rastros do modernismo (devendo entender-se modernismo como o movimento literário que, partindo sobretudo do parnasianismo e do simbolismo franceses, se iniciou na América hispânica cerca de 1885 como reacção contra o realismo) — gosto pelas palavras raras e pelos símbolos litúrgicos —, mas também já algo do que caracteriza a poesia de Vallejo: arrojo da linguagem, revelação do seu mundo familiar (recordações infantis, o ambiente da sua pequena cidade, a imagem querida da mãe, a figura tutelar do pai), profunda comunhão com o sofrimento humano, uma religiosidade angustiada entre a esperança e o desespero, sentimento de culpa e de revolta perante a injustiça e o absurdo.

Pouco depois, sem fundamento, é acusado de ter participado em tumultos e preso durante quase quatro meses. Esta prisão é marcante na sua vida e dela se encontram sulcos na sua poesia: revela-lhe, uma vez mais, a injustiça dos poderes estabelecidos e a ausência de um poder que liberte o homem dum jogo de forças sobre que não pode actuar.

Por estes anos Vallejo conhece os movimentos europeus de vanguarda (futurismo, dadaísmo, criacionismo e ultraísmo) através das revistas espanholas *Grecia*, *Cervantes* e *Ultra*. Apesar do muito

que Trilce tem de pessoal, Vallejo não o poderia ter escrito, por certo, sem o impulso dessas leituras.

*Em 1922, Vallejo publica Trilce. A audácia deste livro começa no título. O que significa o termo Trilce? Diversas hipóteses têm sido lançadas para o descobrir, mas aceitemos estas palavras do poeta Juan Larrea, companheiro de aventura em Paris: Eu próprio perguntei a Vallejo em 1926 — creio que diante de alguém que pode tê-lo coibido — o que significava a palavra «Trilce» e porque chamou assim ao seu livro. Respondeu-me que, tendo de dar a este um nome, lhe pareceu melhor inventar para ele um próprio que denominá-lo com uma ou mais palavras conhecidas. E acrescentou, pronunciando o vocábulo com repetido deleite, que «Trilce» lhe agradava. O que não me disse nem eu lhe perguntei é «porque lhe agradava». A mesma interrogação se pode pôr para outras palavras de Trilce. Mas a audácia do livro está muito para além do título: criação de palavras, fragmentação do discurso para nele introduzir palavras ou frases que cortam o seu nexa habitual, libertação da lógica do discurso, insistência em motivos condutores ao longo do livro, de poema para poema (um deles é o dos números). A distância percorrida desde Los heraldos negros até Trilce é enorme: aquele é um livro que, apesar de inovador em alguns aspectos, se inscreve ainda no círculo do que se esperava fosse um livro de poemas; em Trilce foram destruídas as pontes que facilitam o acesso do leitor: não já o sentido, ainda que por vezes difícil, de cada frase, de cada imagem, mas frases e imagens que destroem a face habitual do poema, e*

de cuja soma o leitor extrairá um conhecimento do caos, do absurdo, do mistério, que constituem a essência do livro. Um livro como Trilce, em qualquer parte seria acolhido com total incompreensão e recusa, como o foi em Lima. Vallejo confessou que o escrevera no maior vazio.;

Em Junho de 1923, Vallejo deixou para sempre o Peru, fixando-se em Paris. Aqui os seus primeiros tempos são de pobreza e doença. Em 1925 obtém um emprego no Bureau des Grands Journeaux Ibéroamericains e, depois, colabora na imprensa peruana. Conhece o chileno Vicente Huidobro e o espanhol Juan Larrea, radicados em Paris, já então poetas fundamentais da vanguarda europeia. Em 1926 lança com Larrea dois números da revista Favorables Paris Poemas, em que ambos colaboram, juntamente com Huidobro, Tristan Tzara, Pierre Reverdy, Gerardo Diego e Pablo Neruda, entre outros.

Em 1927 deixa o emprego do Bureau, passando a viver do que vai escrevendo. Reconhece então que a suprema miséria é a sua via autêntica e única de existência. Creio que se encerra aqui o que podemos considerar a sua época da vanguarda, para começar a abismar-se em dias mais terríveis e decisivos.

Após uma grave doença, a crise espiritual de que vem sofrendo aumenta profundamente. A pobreza e a injustiça cuja dureza avalia nos outros ao senti-las em si próprio ferem-no dolorosamente e levam-no a procurar algo que explique e solucione as interrogações em que se debate. Interessa-se então pelo estudo do marxismo e da revolução russa. Em outubro de 1928 parte para Moscovo

com a intenção de aí se fixar, mas regressa após duas ou três semanas. Cerca de um ano depois, efectua uma viagem ao leste europeu, demorando-se duas semanas em Leninegrado e Moscovo. No final de 1930 é expulso de França devido à sua actividade política. Vai para Madrid e aí publica o relato dos dias que viveu na União Soviética, sob o título de *Rusia en 1931*, livro que obtém um grande êxito. Em outubro de 1931 vai pela terceira e última vez à União Soviética, ao Congresso Internacional de Escritores, mas volta intempestivamente para Madrid, sem cumprir o programa traçado para os congressistas. Pouco depois regressa a Paris.

Os anos seguintes são de projectos que se frustam: não consegue editor para os poemas que escreveu depois de Trilce nem para outros livros.

Ao reventar a Guerra Civil Espanhola, Vallejo procura ajudar os republicanos: vai a Madrid e Barcelona, assiste em Valência ao Congresso dos Escritores Antifascistas, visita a frente de batalha de Madrid. Regressando a Paris, entre setembro e novembro de 1937, revê muitos poemas escritos depois de Trilce, escreve os vinte e cinco últimos poemas dos *Poemas humanos* e os quinze poemas que constituem *España, aparta de mí este cáliz*, que é sem dúvida o maior canto escrito sobre a guerra de Espanha. Dir-se-ia que os anos desde que saiu do Peru — com a angústia, a doença, a pobreza — foram a preparação desses meses em que encerrou a sua obra. Nesses poemas Vallejo prossegue audaciosamente a subversão da linguagem para intensificar a sua expressão: do sofrimento, do absurdo, do sentimento de culpa, da revolta perante a injustiça, do horror da guerra, das contradições

*de um ser tenso entre pontos opostos, da esperança dum mundo terreno de amor e compreensão entre os homens.*

*Em Março de 1938 Vallejo adoece; morreu em 15 de abril seguinte. Em 1939 foram publicados sob o título de Poemas humanos — que não foi dado pelo poeta —, o que hoje são os Poemas em prosa, os Poemas humanos e España, aparta de mí este cáliz. Essa edição saiu com graves erros. As edições seguintes repetiram esses erros e acrescentaram outros, o que não impediu que a poesia de Vallejo encontrasse audiência em muitos países. A primeira edição fidedigna foi preparada por Georgette Vallejo, viúva do poeta (Francisco Moncloa Editores, Lima, Peru, 1968). Desta edição se traduziram os poemas desta antologia. Vallejo escreveu também contos, um romance, teatro, numerosos artigos; mas é pela poesia que o seu nome permanece.*

*Não se pode duvidar da adesão de Vallejo ao comunismo por palavras e actos que radicam na sua ânsia de justiça e libertação das cruéis condições de existência que conheceu em si e nos outros. Contudo, — como afirma Américo Ferrari — a visão vallejana do mundo não coincide senão muito parcialmente com a concepção marxista. E pergunta Ferrari: Como pode conciliar-se a visão do mundo que aparece na poesia de Vallejo, visão que, como vimos, implica uma intuição negativa e pessimista do tempo, e por conseguinte da história, com uma ideologia que postula a história, e por conseguinte o tempo, como a única via de solução para o homem? O poeta escreveu em 1929: Aqui radica a génese da minha inquie-*

tação: Resolve o marxismo os múltiplos problemas do espírito? Todos os momentos e possibilidades do devir histórico terão a sua solução no marxismo? Focou este toda a essência humana da vida? O aspecto científico — que é a sua essência criadora — desta doutrina abastece e satisfaz as necessidades extracientíficas e, contudo, sempre humanas e, o que é mais importante, naturais da nossa consciência? *Ferrari, observa após estas palavras: O poeta feito teórico coloca o problema de tal forma que o modo como ele o coloca implica já a resposta negativa às perguntas suscitadas pela sua inquietação: é claro que se o marxismo se limita ao aspecto científico, mal poderá a ciência, qualquer que seja, satisfazer as necessidades precisamente «extracientíficas» e menos ainda afrontar problemas tão mal definidos cientificamente como o da «essência humana da vida». Difícil se torna, pois, crer numa verdadeira adesão de Vallejo ao materialismo histórico. Em 1932 escreveu o poeta numa carta a Juan Larrea: Reparto a minha vida entre a inquietação política e social e a minha inquietação introspectiva e pessoal e minha para dentro. O poeta sentia-se, pois, dividido, sem unificar as duas partes de que se sentia feito: uma de inquietação política e social, que o marxismo satisfazia; outra introspectiva e pessoal e minha para dentro, para a qual nunca encontrou uma resposta que o satisfizesse, nem mesmo a religião que desde os primeiros tempos pulsava no seu íntimo, sem que por isso possa entender-se a sua adesão a uma igreja. Essa angústia persistirá até à sua morte, não sem um vislumbre de esperança, que o levará a ditar a sua mulher, poucos dias antes de morrer,*

*estas palavras: Qualquer que seja a causa que tenha de defender perante Deus, para além da morte, tenho um defensor: Deus.*

*O volume César Vallejo (Ediciones Taurus, Madrid, 1974) que Julio Ortega organizou com depoimentos e ensaios de alguns críticos que se têm distinguido pelo seu interesse pela obra do poeta de Trilce, é uma excelente introdução ao estudo da poesia de Vallejo.*

## LOS HERALDOS NEGROS

## OS ARAUTOS NEGROS

Há pancadas tão fortes na vida... Eu sei lá!  
Pancadas como do ódio de Deus; como se sob elas  
a ressaca de todo o sofrimento  
estagnasse na alma... Eu sei lá!

Poucas; mas acontecem... Abrem leivas escuras  
no rosto mais duro e no dorso mais forte.  
Serão talvez os potros de átilas selvagens;  
ou os arautos negros que nos envia a Morte.

São as profundas quedas dos Cristos da nossa alma,  
de uma fé adorável que o Destino blasfema.  
Tais pancadas sangrentas são as crepitações  
de um pão que na porta do forno se nos queima.

E o homem... Pobre... Pobre! Volta os olhos, como  
quando sobre o seu ombro uma palmada o vem  
chamar;  
volta seus olhos loucos, e todo o já vivido  
como um charco de culpa estagna em seu olhar.

Há pancadas na vida tão fortes... Eu sei lá!

## IDÍLIO MORTO

Que fará a esta hora a minha andina e meiga Rita  
de junco e canulim:

## ÁGAPE

Hoje ninguém veio perguntar alguma coisa;  
nem nesta tarde ninguém me pediu nada.

Não vi sequer uma flor de cemitério  
em tão alegre procissão de luzes.  
Perdoa-me Senhor: morri tão pouco!

Nesta tarde todos, todos passam  
sem nada me perguntar nem pedir nada.

E não sei o que esquecem e que fica  
em minhas mãos tão mal, qual coisa alheia.

Saí até à porta,  
tenho vontade de gritar a todos:  
Se alguma coisa lhes falta, ela está aqui!

Porque em todas as tardes desta vida,  
não sei que portas nos atiram na cara  
e algo estranho se apodera da minha alma.

Não veio ninguém hoje;  
e que pouco hoje nesta tarde morri!

## A CEIA MISERÁVEL

Até quando estaremos nós à espera do que nos é devido... E em que curva estenderemos nossos pobres joelhos para sempre! Até quando a cruz que nos anima não deterá seus remos.

Até quando a Dúvida nos oferecerá braços por ter sofrido... Já nos temos sentado muito à mesa, com a amargura de um menino que a meio da noite chora, insone, esfomeado...

E quando nos veremos com os outros, à beira de uma manhã eterna, ninguém já em jejum. Até quando este vale de lágrimas, para onde nunca pedi que me trouxessem.

Cotovelos firmes, banhado em pranto, repito cabisbaixo e vencido: até quando a ceia durará.

Há alguém que bebeu muito e está a zombar e se abeira e afasta de nós — como negra colher de amarga essência humana — o túmulo...

E menos sabe esse obscuro até quando a ceia durará!

## OS DADOS ETERNOS

Deus meu, estou a chorar o ser que vivo;  
pesa-me ter tomado já teu pão;  
mas este pobre barro pensativo  
não é crosta fermentada no teu lado:  
tu não posuis Marias que se vão!

Deus meu, se tivesses sido homem,  
saberias ser Deus hoje;  
mas tu, que procedeste sempre bem,  
nada sentes da tua criação.  
E por ti o homem sofre: o Deus é ele!

Hoje que em meus olhos bruxos há candeias  
como num condenado,  
Deus meu, acenderás as tuas velas  
e jogaremos com o velho dado...  
Talvez, oh jogador!, ao dar a sorte  
do universo todo,  
ante nós surjam as olheiras da Morte  
como duas asas fúnebres de lodo.

Deus meu, e esta noite surda, escura,  
não poderás jogar, pois toda a Terra  
é um dado roído e já redondo  
por tanto ter rolado à aventura,  
e que não pára a não ser num vazio,  
no vazio de uma imensa sepultura.

## OS ANÉIS FATIGADOS

Há ânsias de voltar, de amar, de não ausentar-se,  
e há ânsias de morrer, combatido por duas  
águas unidas que jamais hão-de istmar-se.

Há ânsias de um beijo enorme que amortalhe a  
Vida,  
que acaba na áfrica de uma agonia ardente,  
suicida!

Há ânsias de... não ter ânsias, Senhor;  
a ti aponto-te com o dedo deicida:  
há ansias de não ter tido coração.

A primavera volta, volta e partirá. E Deus,  
curvado em tempo, repete-se, e passa, passa  
carregando a espinha dorsal do Universo.

Quando as têmeoras tocam seu lúgubre tambor,  
quando me dói o sonho gravado num punhal,  
há ânsias de ficar plantado neste verso!

## A MEU IRMÃO MIGUEL

*In memoriam*

Irmão, estou sentado junto à porta da casa,  
onde nos fazes uma falta sem fundo!  
Lembro-me que brincávamos a esta hora, e a mamã  
nos afagava: «Mas, meus filhos...»

Agora, escondo-me  
como outrora, todas estas orações  
vespertinas, e espero que não dês comigo.  
Pela sala, a entrada, os corredores.  
Depois escondes-te e eu não dou contigo.  
Lembro-me que nos fazíamos chorar,  
irmão, naquele jogo.

Miguel, tu escondeste-te  
uma noite de agosto, ao alvorecer;  
mas, em vez de te ocultares sorrindo, estavas  
/triste.

E o teu coração gémeo dessas tardes  
extintas cansou-se de não te encontrar. E já  
cai a sombra na alma.

Ouve, irmão, não demores  
a sair. Está bem? A mamã pode inquietar-se.

TRILCE

## II

Tempo Tempo.

Meio-dia estancado entre relentos.  
Bomba monótona do quartel a esvaziar  
tempo tempo tempo tempo.

Era Era.

Galos cancionam escarvando em vão.  
Boca do claro dia que conjuga  
era era era era.

Amanhã Amanhã.

O repouso quente ainda de ser.  
Pensa o presente guarda-me para  
amanhã amanhã amanhã amanhã.

Nome Nome.

Como se chama o que nos arrepia?  
Chama-se Omesmo que padece  
nome nome nome nome.

Naquele canto, onde tantas noites  
dormimos juntos, vim sentar-me agora,  
a caminhar. A cama dos noivos mortos  
foi retirada, ou passou-se talvez alguma coisa.

Vieste cedo para outros assuntos  
e já não estás aqui. Este é o canto  
onde a teu lado uma noite li,  
entre os ternos pontos que tu davas,  
um conto de Daudet. É o canto  
amado. Não o confundas.

Pus-me a lembrar aqueles dias  
de verão passados, teu entrar e sair,  
pequena e cansada e pálida nos quartos.

Nesta noite chuvosa,  
já longe de nós dois, salto de súbito...  
São duas portas abrindo-se e fechando-se  
duas portas que ao vento vão e vem  
sombra                      a                      sombra.

## XVIII

Oh as quatro paredes da cela.  
Ah as quatro paredes albicantos  
que inevitavelmente dão o mesmo número.

Mina de nervos, rocha de perfídia,  
pelos seus quatro cantos como arranca  
as aferrolhadas extremidades diárias.

Amorosa carcereira de inumeráveis chaves,  
se estivesse aqui, se visse até  
que horas são quatro estas paredes.  
Contigo, contra elas seríamos os dois  
mais dois que nunca. Tu nem chorarias,  
diz, libertadora!

Ah as paredes da cela.  
Delas me doem, entretanto, mais  
as duas longas que têm esta noite  
algo de mãos que, mortas,  
levam por ladeiras sedativas  
um menino pela mão, cada uma delas.

E só eu vou ficando,  
com a mão direita, que faz de ambas as mãos,  
ao alto, em busca de um terceiro braço,  
que há-de tutelar, entre o meu onde e o meu  
quando,  
esta maioria inválida de homem.

## XXVIII

Almocei sozinho agora e não tive  
mãe, nem súplica, nem serve-te, nem água,  
nem pai que, no eloquente ofertório  
das maçarocas, pergunte, para demorar  
a sua imagem, pelos colchetes maiores do som.

Como ia eu almoçar! Como ia servir-me  
de tais pratos distantes essas coisas,  
quando o próprio lar está destruído,  
quando aos lábios não brota nem a mãe.  
Como ia eu almoçar insignificância.

À mesa de um bom amigo eu almocei  
com seu pai a recém chegar do mundo,  
com as suas tias decrépitas que falam  
em tordo retinto de porcelana,  
cochichando pelos seus alvéolos viuvos;  
e com talheres efusivos de alegres tiroliros,  
porque estão em sua casa. Assim, que graça!  
E doeram-me as facas  
desta mesa em todo o céu da boca.

O almoço destas mesas assim, em que se prova  
o amor alheio em vez do próprio amor,  
torna terra a comida que a MÃE não oferece,  
faz choque a cruel deglutição; o doce,  
fel; óleo fúnebre, o café.

Quando já foi destruído o próprio lar,  
e o serve-te materno não sai da  
sepultura,  
da cozinha às escuras, da miséria de amor.

## XXXIV

Acabou-se o estranho, com quem, tarde  
na noite, regressavas, palra e palra.  
Ninguém haverá já que me aguarde,  
preparado o meu lugar, bom o que é mau.

Acabou-se a afectuosa tarde;  
a tua grande baía e o teu clamor; a fala  
com tua mãe já tão cansada  
que nos oferecia um chá pleno de tarde.

Acabou-se por fim tudo: as férias,  
tua obediência de peitos, tua maneira  
de pedir-me que não me vá embora.

E acabou-se o diminutivo, para  
minha maioridade na infinita dor  
e o nosso ter nascido assim sem causa.

## XLI

A Morte de joelhos jorra  
seu sangue branco que não é sangue.  
Há um cheiro a garantia.  
Mas apetece-me rir.

Murmura-se ali alguma coisa. Calam-se.  
Alguém de lado assobia coragem,  
e até se contaria aos pares  
vinte e três costelas que se acham de menos  
entre si, nos dois lados; contar-se-ia,  
aos pares também, a fila inteira  
de trapézios escoltas.

Entretanto, o tambor policial  
(apetece-me rir outra vez)  
vinga-se e vem tosar-nos  
toma e toma,  
de membrana a membrana,  
bigorna  
com  
bigorna.

## XLIV

Este piano viaja para dentro,  
viaja saltando alegremente.  
Medita depois num repouso ferrado,  
cravado com dez horizontes.

Avança. Sob túneis, arrasta-se,  
mais adiante, sob túneis de dor,  
sob vértebras que naturalmente fogem.

Outras vezes as suas trompas movem-se,  
lentas árias amarelas de viver,  
movem-se como eclipse,  
e catam em si pesadelos de insectos,  
mortas já para o trovão, mensageiro dos génesis.

Piano escuro, a quem espias tu  
com a tua surdez que me ouve,  
com a tua mudez que me ensurdece?

Oh misteriosa pulsação.

## XLIX

Murmurado em inquietude, atravesso,  
o traje longo de sentir, as segundas-feiras  
da verdade.

Ninguém me busca nem me reconhece,  
e até eu já esqueci  
de quem serei.

Um certo guarda-roupa, só ele, nos saberá  
a todos nas brancas folhas  
das partidas.

Esse guarda-roupa, ele só,  
ao voltar de cada feição,  
de cada candelabro  
cego de nascença.

Eu também não descubro ninguém, sob  
estes húmus que iridesce as segundas-feiras  
da razão;  
e não faço mais que sorrir a cada pua  
das grades, na louca procura  
do conhecido.

Bom guarda-roupa, abre-me  
tuas brancas portas,  
quero reconhecer pelo menos o 1,  
quero o ponto de apoio, quero  
pelo menos saber estar.

Nos bastidores onde nos vestimos,  
não há, não Há ninguém: portas somente  
de par em par.

E sempre os fatos a despendurar-se  
por si próprios, de cabides  
como chefes indexes grotescos,  
e partindo sem corpos, vazios,  
até ao prudente colorido  
de um grande caldo de asas com causas  
e limites fritos.  
E até aos ossos!

## LXI

Esta noite desço do cavalo,  
diante da porta da minha casa, onde  
me despedi com o cantar do galo.  
Está fechada, ninguém me responde.

O banco em que a mamã alumiou  
meu irmão mais velho, para ele selar  
cavalos que eu já montara em pelo,  
menino rude, por ruas e valados.  
O banco em que deixei murchar ao sol  
minha angustiada infância... E o luto  
que emoldura esta porta?

Deus, na paz forasteira,  
espirra, o bruto, como a chamar também;  
fareja, batendo no empedrado. Depois, duvida,  
relincha,  
sacode a viva orelha.

O papá há-de estar acordado a rezar,  
talvez pense que se fez tarde para mim.  
Minhas irmãs, cantarolando as ilusões  
singelas, buliçosas,  
a trabalhar para a festa que aí vem,  
não falta quase nada.  
Espero, espero, o coração  
um ovo em seu momento, que se fecha.

Numerosa família que deixamos  
há pouco, ninguém hoje em vigília, e nem uma vela  
pôs no altar para que voltássemos.

Chamo de novo, e nada.  
Calamo-nos, rompemos em soluços e o cavalo  
relincha, relincha mais ainda.

Todos estão a dormir para sempre,  
e antes assim, que finalmente  
meu cavalo põe-se a cabecear, cansado,  
e, entre sonhos, a cada vénia, diz  
que está bem, que está tudo muito bem.

## LXIX

Quanto nos buscas, oh mar, com teus volumes  
docentes! Que inconsolável, que atroz  
estás no febril soalheiro.

Com teus alviões saltas,  
com tuas folhas saltas,  
machadando, machadando o louco sésamo,  
enquanto as ondas regressam a chorar, após  
descalafetar os quatro ventos  
e todas as lembranças, em labiados pratos  
de tungsténio, contraídos de caninos  
e estáticos *éles* quelónios.

Filosofia de asas negras que vibram  
ao tímido frémito dos ombros do dia.

O mar, e uma edição de pé,  
em sua única folha a face  
frente ao reverso.

Estais mortos.

Que estranha maneira de estar mortos. Quem quer que seja diria que não o estais. Mas, na verdade, estais mortos.

Flutuais nadamente por trás dessa membrana que, pendurada do zénite ao nadir, vem e vai de crepúsculo a crepúsculo, vibrando diante da sonora caixa de uma ferida que não vos dói. Digo-vos, pois, que a vida está no espelho, e que sois o original, a morte.

Enquanto a onda vai, enquanto a onda vem, quão impunemente se está morto. Só quando as águas se quebram, nas margens enfrentadas e se duplicam e duplicam, então transfigurai-vos e, julgando morrer, descobris a sexta corda que já não é vossa.

Estais mortos, não tendo nunca antes vivido. Quem quer que seja diria que, não sendo agora, fostes em outro tempo. Mas, em verdade, vós sois os cadáveres de uma vida que nunca foi. Triste destino. O não ter sido senão mortos sempre. O ser folha seca sem ter sido verde jamais. Orfandade de orfandades.

E contudo, os mortos não são, não podem ser cadáveres de uma vida que ainda não viveram. Morreram sempre de vida.

Estais mortos.

## LXXVII

Graniza tanto, como para que eu recorde  
e aumente as pérolas  
que recolhi mesmo do focinho  
de cada tempestade.

Esta chuva não se vai secar.  
A não ser que eu pudesse  
cair agora para ela, ou que me enterrassem  
molhado na água  
que jorrasse de todos os fogos.

Até onde me apanhará esta chuva?  
Receio ficar com algum flanco seco;  
temo que ela se afaste, sem me ter provado  
nas secas de incríveis cordas vocais,  
por onde,  
para dar harmonia,  
há sempre que subir, nunca descer!  
Porventura não subimos para baixo?

Mesmo na praia sem mar, oh chuva, canta!

## POEMAS EN PROSA

## O MOMENTO MAIS GRAVE DA VIDA

Um homem disse:

— O momento mais grave da minha vida foi na batalha do Marne, quando fui ferido no peito.

Outro homem disse:

— O momento mais grave da minha vida ocorreu num maremoto de Yokohama, do qual me salvei milagrosamente, refugiado sob o beiral de uma loja de lacas.

E outro homem disse:

— O momento mais grave da minha vida aconteceu quando durmo de dia.

E outro disse:

— O momento mais grave da minha vida aconteceu-me na minha maior solidão.

E outro disse:

— O momento mais grave da minha vida foi a minha prisão numa cadeia do Peru.

E outro disse:

— O momento mais grave da minha vida é o ter surpreendido meu pai de perfil.

E o último homem disse:

— O momento mais grave da minha vida não chegou ainda.

## VOU FALAR DA ESPERANÇA

Eu não sofro esta dor como César Vallejo. Não me queixo agora como artista, como homem nem como simples ser vivo sequer. Eu não sofro esta dor como católico, como maometano ou como ateu. Hoje sofro somente. Se não me chamasse César Vallejo, também sofreria esta mesma dor. Se não fosse artista, também a sofreria. Se não fosse homem nem ser vivo sequer, também a sofreria. Se não fosse católico, nem ateu nem maometano, também a sofreria. Hoje sofro desde mais fundo. Hoje sofro somente.

Queixo-me agora sem explicações. A minha dor é tão funda que não teve sequer causa nem carece de causa. Qual seria a sua causa? Onde está aquilo tão importante que deixasse de ser a sua causa? Nada é a sua causa; nada pôde deixar de ser a sua causa. Para que nasceu esta dor, por si mesma? Minha dor é do vento do norte e do vento do sul, como esses ovos neutros que algumas aves estranhas põem do vento. Se tivesse morrido a minha noiva, a minha dor seria igual. Se me tivessem cortado cerce o pescoço, a minha dor seria igual. Se a vida fosse, enfim, de modo diferente, a minha dor seria igual. Hoje sofro desde mais alto. Hoje sofro somente.

Olho a dor do faminto e vejo que a sua fome anda tão longe do meu sofrimento, que por ficar em jejum até morrer, sairia sempre da minha sepultura uma haste de erva, pelo menos. Do mesmo modo, o enamorado. Que sangue o seu mais engendrado, para o meu sem fonte nem consumo!

Eu cria até agora que todas as coisas do universo eram, inevitavelmente, pais ou filhos. Mas eis que a minha dor de hoje não é pai nem filho. Falta-lhe dorso para anoitecer, tanto como lhe sobra peito para amanhecer, e se a pusessem numa habitação escura não daria luz e se a pusessem numa habitação luminosa não daria sombra. Hoje sofro, suceda o que suceder. Hoje sofro somente.

## DESCOBERTA DA VIDA

Senhores! Hoje é a primeira vez que dou conta da presença da vida. Senhores! Peço-lhes que me deixem livre um momento, para saborear esta emoção formidável, espontânea e recente da vida, que hoje, pela primeira vez, me extasia e me torna feliz até às lágrimas.

O meu júbilo nasce do inédito da minha emoção. A minha exultação nasce de que antes não senti a presença da vida. Não a senti nunca. Mente quem disser que a senti. Mente e a sua mentira fere-me a tal ponto que me faria desgraçado. O meu júbilo nasce da minha certeza nesta descoberta pessoal da vida, e ninguém pode ir contra esta certeza. Ao que fosse, cair-lhe-ia a língua, cair-lhe-iam os ossos e correria o perigo de recolher outros, alheios, para se manter de pé diante dos meus olhos.

Nunca, senão agora, houve vida. Nunca, senão agora, passaram homens. Nunca, senão agora, houve casas e avenidas, ar e horizonte. Se chegasse agora o meu amigo Peiryet, dir-lhe-ia que não o conheço e que devemos começar de novo. Quando, na verdade, conheci o meu amigo Peyriet? Hoje seria a primeira vez que nos conhecemos. Dir-lhe-ia que se vá embora e regresse e venha ver-me, como se não me conhecesse, isto é, pela primeira vez.

Agora não conheço nada nem ninguém. Descubro-me num país estranho, no qual tudo adquire relevo de nascimento, luz de epifania imarcescível. Não, senhor. Não fale você a esse cavalheiro. Você não o conhece e surpreendê-lo-ia tão imprevista tagaralice. Não ponha o pé sobre essa pedrinha: talvez não seja uma pedra e você acerte no vazio. Seja cauteloso, pois estamos num mundo absolutamente desconhecido.

Quão pouco tempo vivi! O meu nascimento é tão recente que não há unidade de medida para contar a minha idade. Se acabo de nascer! Se ainda nem sequer vivi! Senhores: sou tão pequeno que o dia mal cabe em mim.

Nunca, senão agora, ouvi o estrondo dos carros que carregam pedra para um grande edifício do boulevard Haussmann. Nunca, senão agora, avancei paralelamente à primavera, dizendo-lhe: «Se a morte tivesse sido outra...» Nunca, senão agora, vi a luz áurea do sol sobre as cúpulas do Sacré-Coeur. Nunca, senão agora, se aproximou de mim um menino e me olhou fundamente com a boca. Nunca, senão agora, soube que existia uma porta, outra porta e o canto cordial das distâncias.

Deixai-me! A vida bateu agora em toda a minha morte.

## JÁ NÃO VIVE NINGUÉM...

— Já não vive ninguém na casa — dizes-me —; todos partiram. A sala, o quarto, o pátio jazem despovoados. Já não resta ninguém, pois todos partiram.

E eu digo-te: Quando alguém parte, alguém fica. O lugar por onde passou um homem, já não está só. Unicamente está só, de solidão humana, o lugar por onde nenhum homem passou. As casas novas estão mais mortas que as velhas, porque as suas paredes são de pedra ou de aço, mas não de homens. Uma casa vem ao mundo não quando acabam de edificá-la, mas quando começam a habitá-la. Uma casa vive unicamente de homens, como um sepulcro. Daqui essa irresistível semelhança que há entre uma casa e um sepulcro. Somente que a casa se nutre da vida do homem, enquanto que o sepulcro se nutre da morte do homem. Por isso a primeira está de pé, enquanto que a segunda está deitada.

Todos partiram da casa, na realidade, mas mas todos na verdade ficaram. E não é a recordação deles o que fica, mas eles mesmos. E não é tão-pouco que eles fiquem na casa, mas que continuam pela casa. As funções e os actos partem da

casa, de comboio ou de avião ou a cavalo, a pé ou arrastando-se. O que continua na casa é o órgão, o agente em gerúndio e em círculo. Os passos partiram, os beijos, os perdões, os crimes. O que continua na casa é o pé, os lábios, os olhos, o coração. As negações e as afirmações, o bem e o mal, dispersaram-se. O que continua na casa é o sujeito do acto.

## EXISTE UM MUTILADO...

Existe um mutilado, não de um combate mas de um abraço, não da guerra mas da paz. Perdeu o rosto no amor e não no ódio. Perdeu-o no curso normal da vida e não num acidente. Perdeu-o na ordem da natureza e não na desordem dos homens. O coronel Piccot, Presidente de «Les gueules cassées», tem a boca comida pela pólvora de 1914. Este mutilado que conheço tem o rosto comido pelo ar imortal e imemorial.

Rosto morto sobre o tronco vivo. Rosto hirto e pegado com cravos à cabeça viva. Este rosto torna-se o dorso do crâneo, o crâneo do crâneo. Vi uma vez uma árvore voltar-me as costas e vi outra vez um caminho que me voltava as costas. Uma árvore de costas só cresce nos lugares onde nunca nasceu nem morreu ninguém. Um caminho de costas só avança pelos lugares onde habitaram todas as mortes e nenhum nascimento. O mutilado da paz e do amor, do abraço e da ordem e que leva o rosto morto sobre o tronco vivo, nasceu à sombra de uma árvore de costas e a sua existência decorre ao longo de um caminho de costas.

Como o rosto está hirto e defunto, toda a vida psíquica, toda a expressão animal deste homem, se refugia, para se traduzir no exterior, no crâneo peludo, no tórax e nas extremidades. Os impulsos

do seu ser profundo, ao sair, retrocedem do rosto e a respiração, o olfacto, a vista, o ouvido, a palavra, o resplendor humano do seu ser, funcionam e exprimem-se pelo peito, pelos ombros, pelos cabelos, pelas costelas, pelos braços e as pernas e os pés.

Mutilado do rosto, tapado do rosto, cerrado do rosto, este homem, contudo, está inteiro e nada lhe faz falta. Não tem olhos e vê e chora. Não tem nariz e cheira e respira. Não tem ouvidos e escuta. Não tem boca e fala e sorri. Não tem fronte e pensa e abisma-se em si mesmo. Não tem queixo e quer e subsiste. Jesus conhecia o mutilado da função, que tinha olhos e não via e tinha orelhas e não ouvia. Eu conheço o mutilado do órgão, que vê sem olhos e ouve sem orelhas.

## ALGO TE IDENTIFICA...

Algo te identifica com o que se afasta de ti, e é a faculdade comum de voltar: daí a tua maior mágoa.

Algo te separa do que fica contigo, e é a escravidão comum de partir: daí os teus mais insignificantes regozijos.

Dirijo-me, desta forma, às individualidades colectivas como às colectividades individuais e aos que, entre umas e outras, jazem marchando ao som das fronteiras ou, simplesmente, marcam o passo imóvel na orla do mundo.

Algo tipicamente neutro, de inexoravelmente neutro, se interpõe entre o ladrão e a vítima. Isto, assim mesmo, pode distinguir-se tratando-se do cirurgião e do paciente. Horrível meia lua, convexa e solar, cobiça uns e outros. Porque o objecto furtado tem também o seu peso indiferente, e o órgão em que se interveio também a sua gordura triste.

Que há de mais desesperante na terra que a impossibilidade em que se acha o homem feliz de ser infeliz e o homem bom de ser perverso?

Afastar-se! Ficar! Voltar! Partir! Toda a mecânica social cabe nestas palavras.

# POEMAS HUMANOS

1

## HOJE AGRADA-ME A VIDA MUITO MENOS...

Hoje agrada-me a vida muito menos,  
mas sempre me agrada viver: já o dizia.  
Quase toquei a parte do meu todo e contive-me  
com um tiro na língua junto à minha palavra.

Hoje apalpo o queixo em retirada  
e nestas calças momentâneas digo-me:  
Tanta vida e jamais!  
Tantos anos, sempre minhas semanas!...  
Meus pais enterrados com sua pedra  
e seu triste puxão inacabado;  
de corpo inteiro irmãos, meus irmãos,  
e, enfim, meu ser parado e em colete.

Agrada-me a vida enormemente  
mas, sem dúvida,  
com minha morte querida e meu café,  
a ver os castanheiros frondosos de Paris  
e a dizer:  
São uns olhos estes, e aqueles; esta frente e aquela...

E repetindo:

Tanta vida e o tom nunca me falta!  
Tantos anos e sempre, sempre, sempre!

Disse colete, disse  
tudo, parte, ânsia, disse quase, para não chorar.  
Que é verdade que sofri naquele hospital que fica  
ao lado  
e está bem e está mal haver olhado  
meu organismo de baixo para cima.

Agradar-me-á viver sempre, mesmo de barriga  
para baixo,  
pois, como dizia e quero repeti-lo,  
tanta vida e !jamais ! E tantos anos,  
e sempre, muito sempre, sempre, sempre!

## OS NOVE MONSTROS

I, desgraçadamente  
a dor cresce no mundo a cada instante,  
cresce a trinta minutos por segundo, passo a passo,  
e a natureza da dor, é a dor duas vezes  
e a condição do martírio, carnívora, voraz,  
é a dor duas vezes  
e a função da erva puríssima, a dor  
duas vezes  
e o bem de ser, doer-nos a dobrar.

Nunca, homens humanos,  
houve tanta dor no peito, na lapela, na carteira,  
no copo, no talho, na aritmética!  
Nunca tanto carinho doloroso,  
nunca tão perto acometeu o longe,  
nunca o fogo jamais  
desempenhou melhor seu papel de frio morto!  
Nunca, senhor ministro da saúde, foi a saúde  
mais mortal  
e a enxaqueca extraiu tanta frente da frente!  
E o móvel, na sua gaveta, teve dor,  
o coração, na sua gaveta, dor,  
a lagartixa, na sua gaveta, dor.

Cresce a desdita, irmãos homens,  
mais veloz que uma máquina, a dez máquinas,  
e cresce  
com a rês de Rousseau, com nossas barbas;  
cresce o mal por razões que ignoramos  
e é uma inundação com os próprios líquidos,  
com o próprio barro e a própria nuvem sólida!  
O sofrimento inverte posições, dá uma sessão

em que o humor aquoso é vertical  
ao pavimento,  
o olho é visto e esta orelha ouvida,  
e esta orelha dá nove badaladas à hora  
do raio, e nove gargalhadas  
à hora do trigo, e nove sons fêmeas  
à hora do pranto, e nove cânticos  
à hora da fome e nove trovões  
e nove chicotes, menos um grito.

A dor agarra-nos, irmãos humanos,  
por trás, de perfil,  
torna-nos loucos nos cinemas,  
crava-nos nos gramofones,  
descrava-nos nos leitos, cai perpendicularmente  
às nossas cartas, aos nossos bilhetes;  
e é muito grave sofrer, pode-se orar...  
Pois como resultado  
do sofrimento, há alguns  
que nascem, outros crescem, outros morrem,  
e outros que nascem e não morrem, outros  
que sem ter nascido morrem, e outros  
que não nascem nem morrem (a maioria).  
E também como resultado  
do sofrimento, estou triste  
até à cabeça, e mais triste até ao tornozelo,  
por ver o pão crucificado, o nabo  
ensanguentado,  
a cebola a chorar,  
o cereal geralmente farinha,  
o sol feito pó, a água a fugir,  
o vinho um ecce-homo,  
tão pálida a neve e o sol tão ardente!  
Como, irmãos humanos,

não dizer-vos que já não posso e  
já não posso com tantas gavetas,  
tantos minutos, tantas  
lagartixas e tanta  
inversão, tanto longe e tanta sede de sede!  
Senhor Ministro da Saúde: o que fazer?  
Ah! desgraçadamente, homens humanos,  
há, irmãos, muita, muita coisa que fazer.

POR VEZES, CHEGA-ME UMA ÂNSIA  
UBÉRRIMA

Por vezes, chega-me uma ânsia ubérrima, polftica,  
de amar, de beijar o carinho em seus dois rostos,  
e chega-me de longe um querer  
demonstrativo, outro querer amar, por gosto  
ou à força,  
o que me odeia, o que rasga ao rapazinho o seu  
papel,  
a que chora pelo que chorava,  
o rei do vinho, o escravo da água,  
o que na sua ira se ocultou,  
o que sua, o que passa, o que sacode a sua pessoa  
na minha alma.

E quero, por isso, arranjar  
a trança ao que me fala; ao soldado, os cabelos;  
a luz, ao grande; a grandeza, ao garoto.  
Quero engomar directamente  
um lenço ao que não pode chorar  
e, quando estou triste ou me dói a ventura,  
remendar as crianças e os génios.

Quero ajudar o bom a ser o seu pouquinho mau  
e tenho pressa de estar sentado  
à direita do surdo, e responder ao mudo,  
tratando de lhe ser útil no  
que possa, e também quero muitíssimo  
lavar o pé ao coxo  
e ajudar a dormir o zarelho meu vizinho.

Ah este amar, o meu, este, o mundial,  
interhumano e paroquial, experimentado!  
Chega-me no momento exacto,  
desde o fundo, desde a virilha pública,  
e, vindo de longe, apetece beijar  
o lenço de pescoço do cantor,  
e beijar o que sofre em sua sertã,  
o surdo, em seu rumor craneano, impávido;  
o que me dá o que em meu peito esqueci,  
em seu Dante, em seu Chaplin, em seus ombros.

Quero, para terminar  
quando estou à beira célebre da violência  
ou cheio de peito o coração, quereria  
ajudar a rir o que sorri,  
pôr ao malvado um passarinho em plena nuca,  
tratar dos doentes enfadando-os,  
comprar ao vendedor,  
ajudar o matador a matar — coisa terrível —  
e quisera ser bom comigo próprio  
em tudo.

## CONSIDERANDO A FRIO, IMPARCIALMENTE

Considerando a frio, imparcialmente,  
que o homem é triste, tosse e, todavia,  
se compraz em seu peito corado;  
que não faz mais que compor-se  
de dias;  
que é um mamífero tenebroso e se penteia...

Considerando  
que o homem procede suavemente do trabalho  
e repercute chefe, soa a subordinado;  
que o diagrama do tempo  
em suas medalhas é constante diorama  
e, meio abertos, seus olhos estudaram,  
desde tempos longínquos,  
sua forma famélica de massa...

Compreendendo sem esforço  
que o homem fica, às vezes, pensativo  
como a querer chorar,  
e, sujeito a render-se como objecto,  
torna-se um bom carpinteiro, sua, mata  
e depois canta, abotoa-se, almoça...

Considerando também  
que o homem é na verdade um animal  
e, contudo, ao dar voltas, me dá com sua tristeza  
na cabeça...

Por fim, examinando  
sua retrete, suas peças que se chocam,  
seu desespero, ao terminar seu dia atroz,  
apagando-o...

Compreendendo  
que ele sabe que lhe quero,  
que o odeio com afecto e, em resumo,  
me é indiferente...

Considerando os seus documentos gerais  
e olhando com lentes esse certificado  
que prova que nasceu muito pequeno...

faço-lhe sinal,  
vem,  
e dou-lhe o braço, emocionado.  
Que importa isso! Emocionado... Emocionado...

## PEDRA NEGRA SOBRE UMA PEDRA BRANCA

Morrerei em Paris com aguaceiros,  
num dia de que já tenho a lembrança.  
Morrerei em Paris — daqui não saio —  
numa quinta-feira, como hoje, de outono.

Quinta-feira será, pois hoje, quinta-feira,  
em que estes versos proso, dei os úmeros  
à pouca sorte, e nunca como hoje  
voltei, com todo o meu caminho, a ver-me só.

Morreu César Vallejo, espancavam-no  
todos sem que lhes fizesse nada;  
davam-lhe forte com um pau e forte

com uma corda também; são testemunhos  
as quintas-feiras e os ossos úmeros,  
a solidão, os caminhos, a chuva...

## POEMA PARA SER LIDO E CANTADO

Sei que há uma pessoa  
que, dia e noite, me busca em sua mão,  
encontrando-me a cada minuto em seu calçado.  
Ignora que detrás da cozinha  
a noite está enterrada com esporas?

Sei que há alguém feito de minhas partes,  
que eu completo sempre que o meu vulto  
cavalga a sua exacta pedrazinha.  
Ignora que ao seu cofre  
não voltará moeda que saiu com o seu retrato?

Sei o dia,  
mas o sol escapou-me;  
sei o acto universal que fez na cama  
com estranha coragem e essa água morna, cuja  
superficial frequência é uma mina.  
Tão pequena é, acaso, essa pessoa,  
que até seus próprios pés assim a pisam?

Um gato é a fronteira entre ela e eu,  
mesmo ao lado da sua malga de água.  
Vejo-a pelas esquinas, abre e fecha-se  
o seu vestido, antes palmeira interrogante...  
Que poderá fazer senão mudar de pranto?

Ela busca-se, busca-me. Que história!

## PALMAS E GUITARRA

Agora, aqui entre nós dois,  
vem comigo, traz o teu corpo pela mão  
e ceemos juntos e passemos um instante a vida  
a duas vidas e dando uma parte à nossa morte.  
Agora, vem contigo, faz o favor  
de te queixar em meu nome e à luz da noite  
tenebrosa  
em que trazes tua alma pela mão  
e nas pontas dos pés fugimos de nós mesmos.

Vem a mim, sim, e a ti, sim,  
com passo par, ver-nos os dois com passo ímpar,  
marcar o passo da despedida.  
Até quando voltarmos! Até à volta!  
Até quando lermos, ignorantes!  
Até quando voltarmos, despedamo-nos!

Que me importam as espingardas,  
escuta-me;  
escuta-me, que me importa,  
se a bala circula já no nível da minha assinatura?  
Que te importam as balas,  
se a espingarda fumega já em teu odor?  
Hoje mesmo pesaremos  
num braço de um cego a nossa estrela  
e, depois de me teres cantado, choraremos.  
Hoje mesmo, formosa, com o teu passo par  
e tua confiança a que chegou o meu alarme,  
sairemos de nós próprios, dois a dois.  
Até que sejamos cegos!  
Até  
que choremos de tanto voltar!

Agora,  
entre nós, traz  
a tua doce personagem pela mão  
e ceemos juntos e passemos um instante a vida  
a duas vidas e dando uma parte à nossa morte.  
Agora, vem contigo, faz o favor  
de cantar  
e tocar em tua alma, e bater as palmas.  
Até quando voltarmos! Até esse dia!  
Até quando partirmos, despedamo-nos!

## E SE DEPOIS DE TANTAS PALAVRAS...

E se depois de tantas palavras,  
não sobrevive a palavra!  
Se depois das asas dos pássaros,  
não sobrevive o pássaro parado!  
Mais valeria, na verdade,  
que comam tudo e acabemos!

Ter nascido para viver da nossa morte!  
Levantar-se do céu rumo à terra  
por seus próprios desastres  
e espionar o momento de apagar com a sua sombra as  
suas trevas!  
Mais valeria, francamente,  
que comam tudo e tanto faz!...

E se depois de tanta história, sucumbimos,  
não já de eternidade,  
mas dessas coisas simples, como estar  
em casa ou pôr-se a matutar!  
E se em seguida descobrimos,  
subitamente, que vivemos,  
a avaliar pela altura dos astros,  
pelo pente e as nódoas do lenço!  
Mais valeria, na verdade,  
que comam tudo, sem dúvida!

Dir-se-á que temos  
num dos olhos muita pena  
e também no outro muita pena  
e nos dois, quando olham, muita pena...  
Então... Claro!... Então... nem uma só palavra!

## OS DESGRAÇADOS

Está a chegar o dia; dá  
corda ao teu braço, busca-te debaixo  
do colchão, volta a erguer-te  
em tua cabeça, para andar direito.  
Está a chegar o dia, põe o casaco.

Está a chegar o dia; agarra  
bem na mão o intestino grosso, reflecte  
antes de meditar, pois é horrível  
quando a desgraça cai a alguém  
e lhe cai profundamente o dente.

Precisas de comer, mas, digo a mim mesmo,  
não tenhas pena, que não é de pobres  
a pena, o soluçar junto à sua campa;  
remenda-te, recorda,  
confia em teu fio branco, fuma, convoca  
a tua cadeia e guarda-a atrás do teu retrato.  
Está a chegar o dia, põe tua alma.

Está a chegar o dia; e alguém passa,  
abriram um olho no hotel,  
açoitando-o, dando-lhe com um espelho teu...  
Tremes? É o estado longínquo da fronte  
e a nação recente do estômago.  
Roncam ainda... Que universo, o desse ronco!  
Como ficam teus poros, ao julgá-lo!  
Com quantos dois, ai! estás tão só!  
Está a chegar o dia, põe teu sonho.

Está a chegar o dia, repito eu  
pelo órgão oral do teu silêncio  
e urge tomar a esquerda com a fome  
e tomar a direita com a sede; de qualquer modo,  
abstem-te de ser pobre com os ricos,  
atiça  
o teu frio, porque nele se integra o meu calor,  
amada vítima.  
Está a chegar o dia, põe teu corpo.

Está a chegar o dia;  
a manhã, o mar, o meteoro, vão  
atrás do teu cansaço com bandeiras,  
e, por teu orgulho clássico, as hienas  
contam seus passos ao ritmo do asno,  
a padeira pensa em ti,  
o carniceiro pensa em ti, apalpando  
o machado em que estão presos  
o aço e o ferro e o metal; nunca esqueças  
que durante a missa não há amigos.  
Está a chegar o dia, põe o sol.

Já chega o dia; dobra  
o ânimo, triplica  
a tua bondade rancorosa  
e acotovela o medo, nexo e ênfase,  
pois tu — como se observa entre as tuas pernas  
e sendo  
o perverso, ai!, imortal —  
sonhaste esta noite que vivias  
de nada e de tudo agonizavas.

## RASTEIRA ENTRE DUAS ESTRELAS

Há homens tão desgraçados, que nem sequer  
têm corpo; quantitativo o cabelo,  
desce, em polegadas, o genial desgosto;  
o porte, em cima;  
não me procures, o molar do esquecimento,  
parecem sair do ar, somar suspiros mentalmente,  
ouvir  
claros açoites no seu céu da boca!

Separaram-se da sua pele, arranhando o sarcófago em  
que nascem  
e sobem pela sua morte de hora a hora  
e caem, ao longo do seu alfabeto gélido, no solo.

Ai de tanto! ai de tão pouco! ai deles!  
Ai em meu quarto, a ouvi-los com óculos!  
Ai em meu tórax, quando compram roupas!  
Ai da minha imundície branca, cúmplice de suas  
fezes!

Amadas sejam as orelhas sánchez,  
amadas as pessoas que se sentam,  
amado o desconhecido e a sua dama,  
o próximo com mangas, olhos e pescoço.

Amado seja o que tem percevejos,  
o que anda à chuva com sapatos rotos,  
o que vela o cadáver de um pão com dois fósforos,  
o que entala um dedo numa porta,  
o que não tem dia de anos,  
o que perdeu sua sombra num incêndio,  
o animal, o que parece um papagaio,  
o que parece um homem, o pobre rico,  
o puro miserável, o pobre pobre!

Amado seja

o que tem fome ou sede, mas não tem  
fome com que saciar toda a sua sede,  
nem sede com que saciar as suas fomes todas!

Amado seja o que trabalha ao dia, ao mês, à hora,  
o que sua de mágoa ou de vergonha,  
o que vai ao cinema por ordem de suas mãos,  
o que paga com o que lhe falta,  
o que dorme de costas,  
o que já não recorda a sua infância; amado seja  
o calvo sem chapéu,  
o justo sem espinhos,  
o ladrão sem rosas,  
o que usa relógio e já viu Deus,  
o que tem uma honra e não falece!

Amado seja o menino, que cai e ainda chora  
e o homem que caiu e já não chora!

Ai de tanto! Ai de tão pouco! Ai deles!

## TENHO UM MEDO TERRÍVEL DE SER UM ANIMAL...

Tenho um medo terrível de ser um animal de branca neve, que sustentou pai e mãe, com sua única circulação venosa, e que, neste dia esplêndido, solar e arquiiepiscopal, dia que representa assim a noite, linearmente ilude este animal estar contente, respirar e transformar-se e ter dinheiro.

Seria enorme mágoa que eu fosse homem até esse ponto. Um disparate, uma premissa ubérrima a cujo jugo ocasional sucumbe o gonzo espiritual da minha cinta. Um disparate... Entretanto, é assim, para cá da cabeça de Deus, na tabela de Locke, de Bacon, no lívido pescoço da besta, no focinho da alma.

E, na lógica aromática, tenho esse medo prático, neste dia esplêndido, lunar de ser aquele, este talvez, a cujo olfacto cheira a morto o solo, o disparate vivo e o disparate morto.

Oh espojar-se, estar, tossir, enfaixar-se, enfaixar a doutrina, as tēmporas, de ombro a ombro, afastar-se, chorar, dá-lo por oito ou por sete ou por seis, por cinco ou dá-lo pela vida que possui três potências.

## A CÓLERA QUE PARTE O HOMEM EM CRIANÇAS...

A cólera que parte o homem em crianças,  
que parte a criança em pássaros iguais,  
e o pássaro, depois, em ovos diminutos;  
a cólera do pobre  
tem um azeite contra dois vinagres.

A cólera que parte a árvore em folhas,  
e a folha em botões desiguais  
e o botão em ranhuras telescópicas;  
a cólera do pobre  
tem dois ricos contra muitos mares.

A cólera que parte o bem em dúvidas,  
a dúvida em três arcos semelhantes  
e o arco, depois, em campas imprevistas;  
a cólera do pobre  
tem um aço contra dois punhais.

A cólera que parte a alma em corpos,  
o corpo em órgãos diferentes  
e o órgão em oitavos pensamentos;  
a cólera do pobre  
tem um lago central contra duas crateras.

## UM HOMEM PASSA COM UM PÃO AO OMBRO...

Um homem passa com um pão ao ombro  
Vou escrever, depois, sobre o meu duplo?

Outro senta-se, coça-se, tira um piolho do sovaco,  
mata-o  
Com que deslante falar da psicanálise?

Outro entrou em meu peito com um pau na mão  
Falar, em seguida, de Sócrates ao médico?

Um coxo passa dando o braço a um menino  
Vou, depois, ler André Bretón?

Outro treme de frio, tosse, cospe sangue  
Convirá não aludir jamais ao Eu profundo?

Outro busca no lodo ossos e cascas  
Como escrever, depois, sobre o infinito?

Um pedreiro cai de um telhado, morre, já não  
almoça  
Inovar, em seguida, a metáfora, o tropo?

Um comerciante rouba um grama no peso a um  
freguês  
Falar, depois, da quarta dimensão?

Um banqueiro falsifica o seu balanço  
Com que cara chorar no teatro?

Um pária dorme com um pé às costas  
Falar, depois, a ninguém de Picasso?

Alguém vai num enterro a soluçar  
Como em seguida ingressar na Academia?

Alguém limpa uma espingarda na cozinha  
Com que desprante falar do mais além?

Alguém passa a contar pelos dedos  
Como falar do não-eu sem dar um grito?

## A ALMA QUE SOFREU POR SER SEU CORPO

Vê-se que sofres de uma glândula endócrina  
ou, talvez,  
sofres de mim, da minha sagacidade sóbria, tácita.  
Padeces do diáfano antropóide, além, perto,  
onde estão as trevas tenebrosas.  
Dás volta ao sol, agarrando a tua alma,  
dilatando teus joões corporais  
e apertando o colarinho; isso vê-se.  
Sabes o que te dói,  
o que te salta na garupa,  
o que por ti, com uma corda, desce ao solo.  
Tu, pobre homem, vives; não o negues,  
se morres; não o negues,  
se morres de tua idade, ai! e de tua época.  
E, embora chores, bebes,  
e, embora sangres, alimentas o teu híbrido canino,  
a tua vela tristonha e as tuas partes.  
Sofres, padeces e voltas a sofrer horrivelmente,  
desgraçado macaco,  
rapazola de Darwin,  
aguazil que me espias, atrocíssimo micróbio.

E sabe-lo a tal ponto,  
que o ignoras, e rompes a chorar.  
Tu, portanto, nasceste; isso  
também se vê de longe, infeliz, e cala-te,  
e suportas a rua que te deu a sorte  
e interrogas o umbigo; onde? como?

Meu amigo, estás completamente,  
até aos cabelos, no ano trinta e oito,  
nicolau ou santiago, tal ou qual,  
quer estejas contigo ou com o teu aborto ou  
comigo  
e cativo na tua enorme liberdade,  
arrastado pelo teu hércules autónomo...  
Mas se calculas pelos dedos até dois,  
é pior; não o negues, irmãozito.

Que não? Que sim, mas que não?  
Pobre macaco!... Dá-me a pata!... Não. A mão,  
disse eu.  
Saúde! E sofre!

## ACONTECE QUE O LUGAR ONDE VISTO...

Acontece que o lugar onde visto  
as calças, é uma casa onde  
tiro a camisa em voz alta  
e onde tenho um soalho, uma alma, um mapa da  
minha Espanha.

Falava agora mesmo  
de mim comigo, e punha  
sobre um pequeno livro um pão tremendo  
e depois fiz a mudança, mudei,  
querendo cantarolar um pouco, o lado  
direito da vida para o lado esquerdo;  
mais tarde, lavei-me todo, o ventre,  
com brio, dignamente;  
voltei-me para ver o que se suja,  
raspei o que me leva tão perto  
e pus em ordem o mapa que  
cabecava ou chorava, não o sei.

A minha casa, por desgraça, é uma casa,  
um soalho talvez, onde vive  
com sua inscrição a minha amada colherinha,  
o meu querido esqueleto já sem letras,  
a navalha, um cigarro permanente.  
Na verdade, quando penso  
no que é a vida,  
não posso evitar dizê-lo a Georgette,  
para comer alguma coisa agradável e sair,  
à tarde, a comprar um bom jornal,  
guardar um dia para quando não houver,  
uma noite também, para quando houver  
(diz-se assim no Peru — peço desculpa);  
do mesmo modo, sofro com cuidado,

a fim de não gritar ou chorar, já que os olhos  
possuem, independentes de cada qual, suas  
pobrezas,  
quero dizer, o seu ofício, alguma coisa  
que resvala da alma e cai à alma.

Tendo atravessado  
quinze anos; depois, quinze e, antes, quinze,  
cada um sente-se, na realidade, pateta,  
é natural, à parte isto, o que fazer!  
E que deixar de fazer, que é o pior?  
Senão viver, senão chegar  
a ser o que alguém é entre milhões  
de pães, entre milhares de vinhos, entre centos  
de bocas,  
entre o sol e o seu raio que é de luar  
e entre a missa, o pão, o vinho e a minha alma.

Hoje é domingo e, por isso,  
vem-me à cabeça a ideia, ao peito o pranto  
e à garganta como que um grande peso.  
Hoje é domingo, e isto  
tem muitos séculos; de outro modo  
seria segunda-feira, talvez, vir-me-ia a ideia ao  
coração,  
o pranto ao cérebro  
e à garganta uma ânsia espantosa de afogar  
o que sinto agora,  
como um homem que sou e que tenho sofrido.

ESPAÑA, APARTA DE MÍ ESTE CÁLIZ

[ESPANHA, AFASTA DE MIM ESTE CÁLICE]

## HINO AOS VOLUNTÁRIOS DA REPÚBLICA

Voluntário da Espanha, miliciano  
de ossos fidedignos, quando avança para morrer  
teu coração,  
quando avança para matar com sua agonia  
mundial, não sei na verdade  
o que fazer, onde me pôr; corro, escrevo, aplaudo,  
choro, espreito, destruo, apagam, digo  
ao meu peito que acabe, ao bem que venha,  
e quero aniquilar-me;  
descubro a fronte impessoal até tocar  
o vaso do sangue, detenho-me,  
detêm meu tamanho essas famosas quedas de  
arquitecto  
com que se honra o animal que me honra;  
os meus instintos refluem às suas cordas,  
a alegria fumega ante o meu túmulo  
e, outra vez, sem saber o que fazer, sem nada,  
deixa-me,  
desde a minha pedra em branco, deixa-me,  
só,  
quadrumano, mais perto, mais distante,  
por não caber em minhas mãos teu longo instante  
estático,  
quebro contra a tua rapidez de duplo fio  
a minha pequenez vestida de grandeza!

Um dia diurno, claro, atento, fértil,  
oh biénio, o dos lôbregos semestres suplicantes,  
pelo qual a pólvora ia mordendo os cotovelos!

oh dura mágoa e mais duras pederneiras!  
oh freios mordidos pelo povo!  
Um dia o povo acendeu seu fósforo cativo, rezou  
de cólera  
e soberanamente pleno, circular,  
fechou seu nascimento com mãos electivas;  
os déspotas arrastavam já cadeados  
e, nos cadeados, suas bactérias mortas...

Batalhas? Não! Paixões! E paixões precedidas  
de dores com grades de esperanças,  
de dores de povo com esperanças de homens!  
Morte e paixão de paz, ambas do povo!  
Morte e paixão guerreiras nos olivais, entenda-  
mo-nos!

Como em teu respirar mudam os ventos de agulhas  
atmosféricas  
e de chave os sepulcros em teu peito,  
teu frontal a erguer-se à primeira potência do  
martírio.

O mundo exclama: «São coisas de espanhóis!» E é  
verdade. Consideremos  
num juízo, à queima-roupa,  
Calderón, adormecido sobre a cauda de um anfíbio  
morto  
ou Cervantes, a dizer: «O meu reino é deste mundo,  
mas  
também do outro»: ponta e gume em dois papéis!  
Contemplemos Goya, de joelhos e a rezar em frente  
de um espelho,  
Coll, o paladino em cujo assalto cartesiano  
o passo franco teve um suor de nuvem,

ou Quevedo, esse avô momentâneo dos dinamizadores,  
ou Cajal, devorado pelo seu pequeno infinito, ou  
ainda  
Teresa, mulher, que morre porque não morre,  
ou Lina Odena, em luta em mais de um ponto com  
Teresa...  
(Todo o acto ou voz genial vem do povo  
e para ele vai, de frente ou transmitidos  
por incessantes fibras, pelo fumo rosado  
de amargas contra-senhas infelizes.)  
Assim a tua criatura, miliciano, assim a tua exangue  
criatura,  
agitada por uma pedra imóvel,  
sacrifica-se, afasta-se,  
debilita-se para cima, sobe por sua chama incom-  
bustível,  
sobe até aos fracos,  
distribuindo espanhas aos touros,  
touros às pombas...  
Proletário que morres de universo, em que frené-  
tica harmonia  
acabará tua grandeza, tua miséria, tua voragem  
impelente,  
tua violência metódica, teu caos teórico e prático,  
tua ânsia  
dantesca, espanholíssima, de amar, mesmo à trai-  
ção, teu inimigo!  
Libertador cingido de grilhetas,  
sem cujo esforço continuaria até hoje sem asas a  
extensão,  
vagueariam acéfalos os cravos,  
antigo, lento, rubro, o dia,  
nossos amados crâneos, insepultos!

Camponês caído pelo homem com tuas verdes  
folhas,  
com a inflexão social do teu dedo mais frágil,  
com o teu boi que resiste, com tua física,  
também com tua palavra atada a um pau  
e teu céu arrendado  
e com a argila inserta em teu cansaço  
e a que estava em tua unha, a caminhar!

Construtores

agrícolas, civis e guerreiros,  
da activa, refervente eternidade: estava escrito  
que vós faríeis a luz, revirando  
com a morte os vossos olhos;  
que, com a queda cruel de vossas bocas,  
virá em sete bandejas a abundância, tudo  
no mundo será de ouro súbito  
e o ouro,  
fabulosos mendigos da vossa própria secreção de  
sangue,  
e o próprio ouro será então de ouro!

Amar-se-ão todos os homens  
e comerão, tomando as pontas de vossos tristes  
lenços,  
e beberão em nome  
de vossas gargantas infelizes!  
Descansarão andando junto a este caminho,  
soluçarão a pensar em vossas órbitas, venturosos  
serão e ao som  
do vosso atroz regresso, florido, inato,  
harmonizarão amanhã suas tarefas, suas figuras  
sonhadas e cantadas!

Os mesmos sapatos ficarão bem ao que sobe  
sem vias ao seu corpo  
e ao que desce até à forma de sua alma!  
Entrelaçando-se falarão os mudos, os entrevados  
andarão!

Ao regressar, hão-de ver os cegos  
e palpitando escutarão os surdos!  
Saberão os ignorantes, ignorarão os sábios!  
Serão dados os beijos que não pudestes dar!  
Só a morte morrerá! A formiga  
trará pedacinhos de pão ao elefante acorrentado  
à sua brutal delicadeza; voltarão  
as crianças abortadas a nascer perfeitas, espaciais  
e trabalharão todos os homens,  
procriarão todos os homens,  
compreenderão todos os homens!

Operário, salvador, redentor nosso,  
perdoa-nos, irmão, nossas ofensas!  
Como diz um tambor ao redobrar, em seus adágios:  
que jamais tão efémeras, tuas costas!  
que sempre tão mudável, teu perfil!

Voluntário italiano, entre cujos animais de batalha  
anda a coxear um leão abissínio!

Voluntário soviético, que marchas à cabeça do teu  
peito universal!

Voluntários do sul, do norte, do oriente  
e tu, o ocidental, fechando o canto fúnebre da  
aurora!

Soldado conhecido, cujo nome  
desfila no rumor de um abraço!

Combatente criado pela terra, que te armou  
de pó,

que te calçou de ímanes positivos,  
vivas as tuas crenças pessoais,  
diferentes de carácter, íntimo o teu domínio,  
a cútis imediata,  
com o teu idioma a percorrer-te os ombros  
e a alma coroada de seixos!  
Voluntário enfaixado pela tua zona fria,  
tórrida ou temperada,  
heróis ao redor,  
vítima em coluna de vencedores:  
em Espanha, em Madrid, estão a chamar  
para matar, voluntários da vida!

Porque na Espanha matam, outros matam  
a criança, seu brinquedo que pára,  
a mãe Rosenda esplendorosa,  
o velho Adão que falava alto com o seu cavalo  
e o cão que dormia na escada.  
Matam o livro, disparam sobre os seus verbos  
auxiliares,  
sobre a sua primeira página indefesa!  
Matam o caso exacto da estátua,  
o sábio, a sua bengala, o seu colega,  
o barbeiro do lado — possivelmente, cortou-me,  
mas bom homem e, portanto, infeliz;  
o mendigo que ontem cantava aqui em frente,  
a enfermeira que passou hoje a chorar,  
o sacerdote carregando a altura firme de seus  
joelhos...

Voluntários,  
pela vida, pelos bons, matai  
a morte, matai os maus!  
Fazei-o pela liberdade de todos,

do explorado e do explorador,  
pela paz indolor — suspeito-a  
quando durmo ao pé da minha fronte  
e mais quando vou e venho aos gritos —  
e fizê-lo, digo eu,  
pelo analfabeto a quem escrevo,  
pelo génio descalço e o seu cordeiro,  
pelos camaradas que tombaram,  
suas cinzas abraçadas ao cadáver de um caminho!

Para que vós,  
voluntários de Espanha e do mundo, viésseis,  
sonhei que eu era bom, e era para ver  
o vosso sangue, voluntários...  
Isto dá muita coragem, muitas ânsias,  
muitos camelos em idade de orar.  
Da vossa parte, o bem marcha hoje, ardendo,  
seguem-vos com carinho os répteis de pestana  
    ímanente,  
e, a dois passos, a um passo,  
a direcção da água que corre para ver o seu limite  
    antes de arder.

### III

Costumava escrever com o dedo grande no ar:  
«Vibam os companheiros! Pedro Rojas»,  
de Miranda de Ebro, pai e homem,  
marido e homem, ferroviário e homem,  
pai e mais homem. Pedro e suas duas mortes.

Papel de vento, mataram-no: Passa!  
Pluma de carne, mataram-no: Passa!  
Abisa já todos os companheiros!

Fau em que penduraram seu madeiro,  
mataram-no;  
mataram-no ao pé do seu dedo grande!  
Mataram, ao mesmo tempo, Pedro, Rojas!

Vibam os companheiros  
à cabeceira do seu ar escrito!  
Vibam com este b do abutre nas entranhas  
de Pedro  
e de Rojas, do herói e do mártir!

Ao revistá-lo, morto, surpreenderam  
em seu corpo um corpo enorme, para  
a alma do mundo,  
e no casaco uma colher morta.

Pedro também costumava comer  
entre as criaturas da sua carne, limpar, pintar  
a mesa e viver docemente  
em representação de todo o mundo.  
E esta colher andou no seu casaco,  
acordado ou quando dormia, sempre, sempre,  
colher morta viva, ela e os seus símbolos.  
Abisa já todos os companheiros!  
Vibam os companheiros ao pé desta colher para  
sempre!

Mataram-no, obrigando a morrer  
Pedro, Rojas, o operário, o homem, aquele  
que nasceu pequenino, olhando o céu,  
e que depois cresceu, fez-se vermelho  
e lutou com suas células, seus nós, seus aindas,  
suas fomes, seus pedaços.

Mataram-no suavemente  
entre o cabelo de sua mulher, Juana Vázquez,  
à hora do fogo, no ano do balázio  
e quando andava já perto de tudo.

Pedro Rojas, assim, depois de morto,  
levantou-se, beijou o seu catafalco ensanguentado,  
chorou por Espanha  
e voltou a escrever com o dedo no ar:  
«Vibam os companheiros! Pedro Rojas».

Seu cadáver estava transbordante de mundo.

V

## IMAGEM ESPANHOLA DA MORTE

Ei-la que passa! Chamai-a! São suas costas!  
Aí passa a morte por Irún:  
seus passos de acordeão, seus palavrões,  
seu metro de tecido em que falei,  
seu grama desse peso que ocultei... Sim, são eles!

Chamai-a! Já, depressa! Ela busca-me nos rifles,  
como sabendo bem onde eu a venço,  
qual é minha astúcia, minhas leis vagarosas, meus  
códigos terríveis.

Chamai-a! Caminha exactamente como um homem,  
entre as feras,  
apoia-se no braço que se enlaça a nossos pés  
quando dormimos nas trincheiras  
e detém-se às portas elásticas do sonho.

Gritou! Gritou! Gritou seu grito nato, sensorial!  
Gritará de vergonha, por ver como caiu entre  
as plantas,  
por ver como se afasta dos animais,  
por ouvir como dizemos: É a morte!  
Por ferir nossos interesses mais profundos!

(Porque o seu fígado elabora a gota que te disse,  
camarada;  
porque come a alma do vizinho)

Chamai-a! Há que segui-la  
até ao pé dos tanques inimigos,  
que a morte é um ser vencido à força,  
cujo princípio e fim levo gravados  
à cabeça das minhas ilusões,  
por muito que ela corra o perigo corrente  
que sabes  
e que faça como a fingir que me ignora.

Chamai-a! Não é um ser, morte violenta,  
mas, escassamente, um lacónico evento;  
o seu modo mais parece, quando ataca,  
parece um tumulto simples, sem órbitas nem  
cânticos de júbilo;  
mais parece o seu tempo audaz, um cêntimo  
impreciso  
e seus surdos quilates, aplausos despóticos.  
Chamai-a, que chamando-a com gestos e com fúria,  
ajudamo-la a arrastar seus três joelhos,  
como, às vezes,  
às vezes doem, ferem fracções enigmáticas,  
globais,  
como, às vezes, me apalpo e não me sinto.

Chamai-a! Já, depressa! Ela procura-me,  
com seu conhaque, seu pómulo moral,  
seus passos de acordeão, seus palavrões.  
Chamai-a! Não há que perder o fio em que a choro.  
Do seu olor para cima, camarada, ai do meu pó!  
Do seu pus para cima, ai da minha férula, tenente!  
De seu íman para baixo, ai do meu túmulo!

## IX

### PEQUENO RESPONSO POR UM HERÓI DA REPÚBLICA

Um livro ficou ao lado de sua cinta morta,  
um livro abrolhava do seu cadáver morto.  
Levaram o herói,  
e corpórea e aziaga sua boca entrou em nosso  
    hálito;  
suamos todos, com o umbigo às costas;  
caminhantes, seguiam-nos as luas;  
também suave de tristeza o morto.

E um livro, na batalha de Toledo,  
um livro, um livro atrás, um livro em cima,  
    abrolhava do cadáver.

Poesia do pómulo violáceo, entre o dizê-lo  
e o calá-lo,  
poesia na carta mortal que acompanhara  
seu coração.  
Ficou o livro e nada mais, que não há  
insectos no sepulcro,  
e ficou junto à sua manga, o ar a empapar-se  
e tornando-se gasoso, infinito.

Todos suamos, com o umbigo às costas,  
também suava de tristeza o morto  
e um livro, sentidamente o vi,  
um livro, um livro atrás, um livro em cima  
abrochou do cadáver com violência.

## XII

### MASSA

No final da batalha,  
e morto o combatente, aproximou-se dele um  
homem  
e disse-lhe: «Não morras, amo-te tanto!»  
Mas o cadáver, ai! continuou a morrer.

Aproximaram-se dele dois e repetiram-lhe:  
«Não nos deixes! Coragem! Volta à vida!»  
Mas o cadáver, ai! continuou a morrer.

Acudiram-lhe vinte, cem, mil, quinhentos mil,  
clamando: «Tanto amor e não poder nada contra  
a morte!»  
Mas o cadáver, ai! continuou a morrer.

Milhões de indivíduos o rodearam,  
num pedido comum: «Não nos deixes, irmão!»  
Mas o cadáver, ai! continuou a morrer.

Então, todos os homens que há na terra  
o rodearam: viu-os o cadáver triste, emocionado;  
soergueu-se lentamente,  
abraçou o primeiro homem; e começou a andar...

## XV

### ESPAÑHA, AFASTA DE MIM ESTE CALICE

Crianças do mundo,  
se Espanha cai — digo eu, é um modo de dizer —  
se cai  
do céu, seu antebraço que prendam,  
como cabresto, duas lâminas terrestres;  
crianças, que época a das têmeoras côncavas!  
que precoce no sol o que eu vos dizia!  
que rápido em vosso peito o antigo rumor!  
que velho o dois que escrevestes no caderno!

Crianças do mundo, está  
a mãe Espanha com o ventre às costas;  
está a nossa mestra com suas férulas,  
está mãe e mestra,  
cruz e madeira, porque vos deu a altura,  
vertigem e divisão e soma, crianças;  
está com ela, pais processuais!

Se cai — digo eu, é um modo de dizer — se cai  
Espanha, da terra para baixo,  
crianças, como deixareis vós de crescer!  
como o ano irá punir o mês!  
como vão ficar somente em dez os dentes,  
em gatafunhos o ditongo, em lágrimas a medalha!  
Como vai continuar o cordeirinho  
amarrado ao grande tinteiro pela pata!  
Como ides descer os degraus do alfabeto  
até à letra em que nasceu a dor!

Crianças,  
filhos dos guerreiros, entretanto,  
baixai a voz, que Espanha está agora mesmo a  
repartir  
a energia entre o reino animal,  
as flores, os cometas e os homens.  
Baixai a voz, que Espanha está  
com o seu rigor, que é grande, sem saber  
o que fazer, e tem na mão  
a caveira a falar e fala e fala,  
a caveira, a caveira da trança,  
a caveira, a caveira da vida!

Baixai a voz, digo eu;  
baixai a voz, o canto das sílabas, o pranto  
da matéria e o rumor menor das pirâmides, e  
também  
o das têmeoras que andam com duas pedras!  
Diminuí a respiração, e se  
o antebraço desce,  
se as férulas soam, se é de noite,  
se o céu cabe em dois limbos terrestres,  
se existe ruído no rumor das portas,  
se demoro,  
se não vedes ninguém, se vos assustam  
os lápis sem bico, se a mãe  
Espanha cai — digo eu, é um modo de dizer —  
saí, crianças do mundo; ide buscá-la!...

## ÍNDICE

- 7 Prólogo
- 15 **LOS HERALDOS NEGROS**
- 17 Os Arautos negros
- 18 Idílio morto
- 19 Ágape
- 20 A ceia miserável
- 21 Os dados eternos
- 22 Os anéis fatigados
- 23 A meu irmão Miguel
- 25 **TRILCE**
- 41 **POEMAS EM PROSA**
- 43 O momento mais grave da Vida
- 44 Vou falar da esperança
- 46 Descoberta da Vida
- 48 Já não vive ninguém
- 50 Existe um mutilado
- 52 Algo te identifica
- 53 **POEMAS HUMANOS**
- 55 Hoje agrada-me a vida muito menos
- 57 Os nove monstros

- 60 Por vezes chega-me uma ânsia ubérrima  
62 Considerando a frio, imparcialmente  
64 Pedra negra sobre uma pedra branca  
65 Poema para ser lido e cantado  
66 Palmas e guitarra  
68 E se depois de tantas palavras  
69 Os desgraçados  
71 Rasteira entre duas estrelas  
73 Tenho um medo terrível de ser um animal  
74 A cólera que parte o homem em crianças  
75 Um homem passa com um pão ao ombro  
77 A alma que sofreu por ser seu corpo  
78 Acontece que o lugar onde visto  
81 **ESPAÑA, AFASTA DE MIM ESTE CALICE**  
83 Hino aos voluntários da República  
89 III  
90 V — Imagem espanhola da morte  
93 IX — Pequeno responso por um herói da República  
94 XII — Massa  
95 XV — Espanha, afasta de mim este cálice



ANTOLOGIA

*Autor*

César Vallejo

*Seleção, tradução e prólogo*

José Bento

*Colecção*

Os Olhos e a Memória/16

*Direcção Literária*

Egito Gonçalves

*Direcção Gráfica*

Armando Alves

*Edição*

1.º / Novembro 1981

*Composto e Impresso*

COOPAG

Rua da Preciosa, 478 — 4100 Porto

*Editora*

LIMIAR

R. Gonçalo Cristóvão, 312-1.º B — 4000 Porto

7.055/C16/10



# Eugénio de Andrade

## Poesia e Prosa

### [1940 \* 1980]

*Obra completa em 1 volume/480 páginas*

Se o culminar de uma das tradições da escrita possíveis num agregado cultural é uma das medidas seguras do grau de representatividade de um poeta nessa formação colectiva, Eugénio de Andrade pode considerar-se um dos poetas elementais da nossa maneira de sentir. Se uma cultura nacional pode ser compreendida em função da vizinhança com que se diferencia dos núcleos originais que a construíram num solo comum anterior à sua nacionalidade específica, Eugénio de Andrade deve ser encarado como motor de um diálogo irradiante dentro da hispanidade, de que Portugal é apenas uma das nações, a mais afirmativa, pluralidade possível numa Espanha sem centro. Se a modernidade da linguagem poética institui uma certa forma de a linguagem se confrontar com a situação do homem num mundo de ruínas e esperanças, como desde a Guerra dos 30 anos a Europa se não defrontava tão catastroficamente, Eugénio de Andrade pode ser compreendido como um dos poetas contemporâneos onde a resistência do homem ao desumano mais denodadamente se desencadeia. A tripla afirmação destas qualidades serviria para o classificar, numa designação com que se podem hierarquizar os promotores do novo e do genuíno, como um poeta maior. E são-no não apenas os que conseguem organizar uma forma diferenciada das subtilidades verbais, mas sobretudo aqueles que conseguem articular, numa linguagem de ímpeto novo, as raízes peculiares donde junca a condição humana de um momento da História, donde se pressente a proposta de um esconjuro face às tentativas de controlar as mutáveis razões do ser, donde se desencadeia a linguagem que testemunha a adivinhação do outro futuro. Em resumo, um poeta que dá voz à sabedoria do possível, ao instinto da diferença, à primazia do ancestral na teimosia fértil da transformação.

*Joaquim Manuel Magalhães*  
*«Expresso», 20/12/1980*

